

OS USOS DA IDEIA DE “LUTA PELA EXISTÊNCIA” NA PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ALUÍSIO AZEVEDO

THE APPLICATION OF THE CONCEPT “STRUGGLE FOR EXISTENCE” IN ALUISIO AZEVEDO’S INTELLECTUAL WORK

Raick de Jesus Souza*

RESUMO

O objetivo deste artigo é demonstrar os diversos usos e significados da ideia de “luta pela existência” na produção intelectual de Aluísio Azevedo, especialmente a partir das crônicas literárias publicadas entre os anos de 1880 e 1881 no jornal anticlerical O pensador e no romance O cortiço (1890). Discutiremos como a noção evolutiva subsidiou o intelectual brasileiro em sua interpretação do Brasil e sua população, sobretudo, em um período de intensas transformações sociais e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: *Aluísio Azevedo. Evolucionismo. Imprensa. Naturalismo.*

ABSTRACT

The current article aims to show the diverse application and meaning of the concept “struggle for existence” in Aluisio Azevedo’s intellectual work, especially in the literary chronicles published by the anti-church newspaper O pensador, between 1880 and 1881 and in the novel O Cortiço, 1890. We will discuss how evolutionism principles supported the Brazilian intellectual in his interpretations of Brazil and its population, in a period of intense socio-cultural transformation.

KEYWORDS: *Aluisio Azevedo. Evolutionism. Press. Naturalism.*

A refração da luz no ar, a acumulação das camadas atmosféricas, a influência destas sobre as plantas que se esgalham ou se esguiam conforme o peso do ar, a penumbra misteriosa de um bosque, o sussurrar das águas que correm em borbotão nas hortas vicejantes, as longas planícies mordidas pela luz, os caminhos sinuosos que se perdem nos horizontes, os bois cansados ao cair da tarde, que derramam um olhar mole de ternura e quebram o silêncio balsâmico dos campos com um mugido triste como uma súplica, o aldeão vergado pela fadiga, que cava na serra o pão da boca, com o ar de quem cava a própria sepultura, tudo isso e muitas outras cousas, inteiramente desprezadas pelos artistas de *outrora* constituem o objeto de estudo dedicado da arte moderna.

(AZEVEDO, 1880)

* Mestre em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ). E-mail: raickdjs@hotmail.com.

A vitória pendia para o lado do português. Os espectadores aclamavam-no já com entusiasmo, mas, de súbito, o capoeira mergulhou n'um relance, até as canelas do adversário e surgiu-lhe rente dos pés, grudado n'ele, rasgando-lhe o ventre com uma navalhada.

(AZEVEDO, 1890).

Ao longo deste artigo demonstraremos como Aluísio Azevedo fez uso da ideia evolucionista de luta pela existência e como, no conjunto selecionado de sua produção intelectual, esse conceito ganhou significados diversos, representando a luta dos seres humanos com o meio físico, com outros de sua espécie, com outros indivíduos de nacionalidades distintas, com indivíduos de gênero oposto ou mesmo de outros grupos étnico-raciais. Espera-se contribuir com os estudos que examinam a fortuna crítica do intelectual maranhense e a recepção entre nós das ideias evolucionistas no contexto oitocentista.

As duas epígrafes que abrem este artigo representam momentos específicos da produção intelectual de Aluísio Azevedo e seus diferentes usos para a ideia evolucionista de luta pela existência. No primeiro texto, a ideia está presente na caracterização da vida simples do aldeão ligado à lavoura de subsistência. No período em que foi elaborado, Aluísio Azevedo fazia parte do grupo de redatores de *O pensador*, aclamado jornal anticlerical de sua província natal. Como demonstraremos ao longo deste artigo, nesse momento, o conceito assumiu na produção aluisiana uma dupla função: de um lado, visava caracterizar a vida do trabalhador em oposição aos clérigos católicos, acusados de ociosidade e exploração da grande massa populacional maranhense; do outro lado, na abordagem da oposição entre a tradição e a modernidade, a luta pela existência seria a única forma de se opor à antiga ordem estabelecida e implantar um novo modelo de homem e sociedade.

A segunda epígrafe foi retirada da obra *O cortiço*, romance no qual o escritor maranhense buscou caracterizar os diversos dilemas da vida cotidiana da sociedade carioca – em seu setor pobre ou rico. Nessa obra, assistimos a uma pluralização dos significados assumidos nos diversos usos feitos por Aluísio Azevedo da ideia evolutiva. O trecho supracitado foi utilizado para caracterizar as diversas disputas existentes na vida cotidiana dos moradores dos cortiços carioca, marcada, sobretudo, pelo aumento expressivo do contingente populacional e pelo acirramento na competição por cargos, por parceiros sexuais e por melhores habitações. No fragmento apresentado, encontramos a luta entre o português Jerônimo e o brasileiro Firmo pela posse de Rita Baiana. Entrevemos aqui uma luta entre nacionalidades distintas, concorrendo pela fêmea, mas é possível apontar, também, para um enfrentamento com um forte teor racial. Nota-se que a luta pela posse restrita da mulata transformou-se, em instante, em uma disputa aberta pela manutenção da vida dos brasileiros *versus* portugueses. Por fim, transformou-se em uma disputa entre cortiços opositores, na defesa das suas honras e da vida de seus moradores.

Aluísio Tancredo de Azevedo (1857-1913) nasceu em São Luís do Maranhão. Filho de David Gonçalves de Azevedo e Emília Amália Pinto de Magalhães, tornou-se um dos mais prestigiados literatos brasileiros na passagem do século XIX ao XX (MÉRIAN, 1988; SILVA, 2010). Mesmo não tendo o privilégio de ter nascido em uma família rica, o que muito dificultou o prosseguimento de seus estudos,

teve a sorte de nascer em uma das famílias mais cultas de sua província natal (MÉRIAN, 1988, p. 41). Dentre os seus diversos romances naturalistas, *O cortiço* (1890) destaca-se não apenas pelo seu valor estético, mas também por ter sido acolhido pela crítica contemporânea e subsequente à sua produção como um valioso documento da realidade do Rio de Janeiro das últimas décadas do século XIX. O romance era fruto de seu trabalho de incursão na vida social dos moradores das habitações coletivas da capital do Império, posteriormente primeira capital federal da República do Brasil. Nesta obra, Aluísio Azevedo compôs um panorama complexo e multifacetado da vida do proletariado urbano, sinalizando para as tensões entre os setores menos abastados e a emergente classe burguesa. De acordo com Antonio Candido (1991), o romance, mesmo tratando da vida social carioca, é uma clara alegoria ao Brasil. Por meio de *O Cortiço*, o autor pretende tratar do processo de acumulação de capitais a partir da trajetória de seus principais personagens

Ao longo do presente artigo, discutiremos o contato de Aluísio Azevedo com as obras naturalistas e com as ideias evolucionistas, a fim de compreender um pouco mais acerca do contexto intelectual brasileiro da segunda metade do século XIX. Em seguida, abordaremos mais detidamente os usos e os significados da ideia de luta pela existência nas crônicas literárias de Aluísio Azevedo publicadas em *O pensador* entre os anos de 1880 e 1881. Caminhando para o fim, discutiremos os usos e os significados da ideia no romance *O cortiço*, publicado em 1890. É nosso objetivo, portanto, colocar em relevo os diversos usos e significados da ideia evolucionista de luta pela existência em parte da produção intelectual do literato.

ALUÍSIO AZEVEDO E SUA RELAÇÃO COM AS IDEIAS NATURALISTAS E EVOLUCIONISTAS

O mapeamento das leituras evolucionistas feitas por Aluísio Azevedo mostra-se extremamente pertinente, já que foi a partir da corrente evolucionista que o conceito de luta pela existência ganhou maior notoriedade. Perseguir as leituras feitas pelo literato pode nos indicar quais eram os significados pretendidos em seus usos da ideia de luta pela existência, quais eram os significados disponíveis em seu tempo e a quais textos o escritor teve acesso.¹

É analisando a trajetória intelectual de Aluísio Azevedo que podemos encontrar, dada a escassez de referências diretas de suas leituras, possíveis indícios dos principais autores e obras lidas pelo escritor maranhense. Destaca Mérian (1988, p. 529-521):

¹ Roger Chartier (1996), ao propor a história das práticas da leitura de impressos, indica que diversos fatores podem ser encarados enquanto limites às possíveis interpretações do processo receptivo do livro pelo leitor. A raridade dos indícios diretos e a complexidade das interpretações possíveis dos vestígios indiretos; a escassez de inventários sobre a posse dos impressos; a incapacidade de perseguir as leituras feitas em bibliotecas e em gabinetes de leitura, decifradas em coletivo, na rua ou nos ateliers; a impossibilidade de inventariar os livros emprestados dos amigos, alugados em livrarias, comprados e repassados (vendido, emprestado ou dado); somar-se-á a grande dificuldade de compreender os usos, os manuseios, as formas de apropriação e de leitura dos materiais impressos.

Segundo a opinião geral de seus próximos, o romancista não era um leitor assíduo; alguns dias após sua morte, seu amigo Coelho Neto escreveu a propósito: “Aluísio teria feito obra mais vasta e certamente de maior interesse, se a sua educação literária não fosse tão limitada. Ele próprio afirmava: ‘Nas letras, viajo como Bias; apenas com o talento’. Era de pouca leitura, e compondo constantemente, pouco tempo lhe sobrava para o estudo [...]”. Contudo estas observações de Coelho Neto não devem ser levadas em conta num sentido muito restrito. Aluísio Azevedo conhecia as principais obras dos naturalistas franceses e portugueses. Quando escreveu “O mulato” ele estava evidentemente sob a influência de Eça de Queirós. Foi apenas mais tarde que se interessou pela obra de Zola, cujo prestígio deixava os irmãos Goncourt à sombra. Assim como Huysmans, Daudet e os outros naturalistas, Zola foi para Aluísio Azevedo, como para os outros romancistas naturalistas, o principal modelo, a ponto de José Veríssimo escrever: “No Brasil a influência de Zola foi excessiva, dominadora e exclusiva. No Naturalismo em que havia, não há dúvida, muita coisa fecunda e sã, não vimos senão a técnica, e principalmente a técnica zolista. Daudet, muito mais verdadeiro, muito mais natural do que o autor do Assomoir, nada influenciou e os Goncourt só os conhecemos posteriormente. É inútil dizer que ainda menor, se é possível, foi a ação dos ingleses e dos russos”. Aluísio Azevedo ficou principalmente marcado por quatro romances de Zola: “La faute de l’abbé Mouret”, “L’assomoir”, “Nana” e “Germinal”.

As leituras de romances naturalistas, sobretudo franceses, foram fundamentais no processo de construção intelectual de Aluísio Azevedo. É importante salientar, salientou Haroldo Sereza (2012), que, assim como na Europa, no Brasil as ideias evolucionistas encontraram na literatura terreno propício para disseminarem-se a partir do movimento naturalista.

Em conformidade com Mérian, é possível perceber que os métodos de trabalho de Aluísio Azevedo – documentação, observação, experimentação – supõem que ele tenha lido *Le Roman expérimental*, de Zola. O investigador afirmou, ainda, que a formação literária do escritor maranhense, depois de 1881, foi efetuada a partir da leitura de romances portugueses e franceses, mas igualmente a partir das crônicas literárias de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, e dos debates nacionais em torno da recepção das novas ideias científicas (MÉRIAN, 1988, p. 523).

O acesso de Aluísio Azevedo às obras evolucionistas ainda continua sendo uma lacuna na investigação da história de suas leituras, entretanto buscaremos cotejar as crônicas a fim de compreender os possíveis usos que o autor fez das ideias evolucionistas, sobretudo da ideia de luta pela existência, para encontrar possíveis referências que nos permitam ampliar as informações obtidas nos trabalhos lidos. Os adeptos do movimento naturalista, do qual fazia parte Aluísio Azevedo, dedicavam-se à composição de romances ficcionais, que objetivavam retratar momentos específicos da vida social brasileira, modificada pelo fim do regime escravista e pela enorme onda de imigração estrangeira que afluíu para o país durante a segunda metade do século XIX. Renato Salles Mattos (2014) afirmou que é necessário refletir sobre as transformações culturais que se processavam na passagem do XIX ao XX se quisermos compreender *O cortiço* e argumentou que, nesse momento, assistia-se a uma revolução científica, notória a partir da articulação entre saberes da esfera biológica e da sociologia, que representavam um marco fundamental na história cultural do século XIX, sobretudo, em sua consolidação de uma visão de mundo calcada no paradigma evolucionista.

O movimento evolucionista foi responsável pela mais expressiva revolução paradigmática do século XIX no campo intelectual ocidental. De acordo com o historiador egípcio Eric Hobsbawm, o conceito evolucionista de luta pela existência forneceu aos idealizadores, intelectuais e administradores públicos, a metáfora básica do pensamento econômico, político, social e cultural do mundo burguês, ao propor que somente os “mais capazes” sobreviveriam, sendo a capacidade justificada tanto pela sua existência quanto pelo exercício do poder. Dessa forma, penetrou-se fortemente entre os pensadores do mundo latino-americanos a ideologia do “progresso”, segundo a qual a civilização seria alcançada a partir da superação dos antigos problemas herdados de nossa era colonial (HOBSBAWM, 2014, p. 187). Segundo Henrique Lins de Barros (2003), a extrapolação das ideias evolucionistas no campo social, ou seja, a utilização de ideias importadas do darwinismo para tempos históricos de apenas alguns milhares de anos, fez surgir uma anomalia no pensamento ocidental, conhecido como darwinismo social.

O darwinismo social se utilizou da ideia de evolução por seleção natural, associando o desenvolvimento material e cultural das sociedades ao processo de hierarquização das raças, com a conclusão de que o homem branco era superior, no aspecto biológico, aos demais povos (BARROS, 2003, p. 13). É exatamente durante a recepção das ideias evolucionistas no campo intelectual brasileiro, especialmente daquelas oriundas do darwinismo social, que Aluísio Azevedo começou a compor os seus trabalhos e, como ocorreu com outros intelectuais de seu tempo, essas ideias permearam sua produção. No conjunto dessa produção, mesmo que não explicitamente, encontramos diversas referências ao conceito de luta pela existência à luz do que era preconizado pelo filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903).² Este autor foi uma das principais referências do literato maranhense no tocante ao pensamento evolucionista.

Na tentativa de compreender como nossos intelectuais – médicos, juristas, literatos e cientistas – receberam as principais teorias raciais em voga no campo intelectual, Lília Schwarcz (1995), demonstrou como, no Brasil, o liberalismo político e o racismo científico oriundo das diversas escolas darwinistas se uniram para conformar uma mentalidade alicerçada na inferiorização do elemento não-branco. Aluísio Azevedo está entre os intelectuais que interiorizaram a visão eurocêntrica de civilização e progresso e produziu, ao seu modo, uma interpretação para os problemas sociais e possíveis soluções para o atrasado brasileiro.

Vejamos agora os usos e os significados que a ideia evolucionista de luta pela existência assumiu na produção intelectual de Aluísio Azevedo, quando ainda vivia em sua terra natal, enquanto esteve ligado ao jornal anticlerical *O pensador*.

² Para uma discussão mais aprofundada sobre os usos da ideia evolucionista de *luta pela existência* na produção intelectual do século XIX, ver Souza (2019).

A LUTA PELA EXISTÊNCIA NAS CRÔNICAS LITERÁRIAS DE ALUÍSIO AZEVEDO PUBLICADAS EM O PENSADOR ENTRE OS ANOS DE 1880-81

Em sua primeira aparição no jornal *O pensador*, no dia 30 de outubro de 1880, Aluísio Azevedo assinou uma crônica destinada a saudar a coragem dos intelectuais que se expõem ao invés de se esconder no anonimato. Neste artigo, o escritor maranhense se dispôs a responder às críticas, feitas pelos redatores do jornal *A civilização*, de mimetismo francês, de injustiça pátria e de falta de originalidade artística da nova geração literária brasileira. Refutando os seus detratores, o escritor maranhense argumentou:

Sonhar a originalidade na pintura, isto é, dar a essa arte sublime um caráter moderno e apropriado às condições filosóficas e positivas da época lógica em que vivemos, desta época em que só se aspira a verdade imaculada e inteiriça, como única fonte de inspiração real e consoladora, é baquear com a velha estética do convencionalismo metafísico, é destruir todos os preconceitos artísticos instituídos pela velha rotina clássica das academias, é olhar a natureza de um modo complexo e vasto e copiá-la na sua nudez fria e desarranjada (AZEVEDO, 30 de outubro de 1880, p; 3).

Como é possível observar, a disputa entre a velha ordem e os novos preceitos filosóficos e estéticos da arte estão no centro da questão. Aqui, o autor contrapõe os antigos critérios de validação do conhecimento – o convencionalismo metafísico – com os novos preceitos estéticos e novos parâmetros de validação do saber – observação do complexo e exposição do real a partir da descrição fiel dos fatos tal como observados. Sua defesa seguiu enumerando as transformações sofridas no campo da arte como forma ilustrativa dos novos tempos.

Antigamente, para copiar uma paisagem, pintar uma cabeça, desenhar uma cena doméstica, tinha o artista a obrigação de desprezar tudo o que desagradasse a vista e servir-se unicamente daquilo que a deleitasse. Hoje porém a cousa é diversa – o artista moderno, o pintor realista, tem obrigação de surpreender a natureza no seu estado mau ou bom, agradável ou não, decente ou indecente, receber a impressão da natureza como ela é evidentemente sem alterações, sem mentiras – a agrupação feia de certas árvores, o desconchavo de um lampião no meio do campo, uma mulher grávida, a colher, uma rosa, um olho vesgo em uma cara linda, um sujeito vestido justamente da cor do objeto que lhe serve de fundo, um pé comido de freieras, inchado, com feitiço de um cará – tudo é respeitado, copiado à risca, com a fidelidade de uma máquina fotográfica – o artista recebe a imagem no cérebro e transmite-a à tela – já não tem o direito de emendar, modificar, subtrair, apenas o que pode fazer na transmissão é deixar transparecer a sua individualidade, o seu modo de ver e estudar a natureza, mas para isso é preciso que ele se transforme em uma espécie de câmara ótica onde todos os objetos externos se acham reproduzidos com uma exatidão irrepreensível, porém com uma certa luz, um certo tom especial da reprodução (AZEVEDO, 30 de outubro de 1880, p. 3).

Sua crença era a de que o naturalismo que movia os modernos artistas seria capaz de reformar as artes e, a partir delas, instruir seus apreciadores aos modernos parâmetros estéticos e de validação do saber. Azevedo afiançou, ainda, que “a pintura moderna é a pintura da multidão, do cidadão, do homem de trabalho, do primeiro que aparecer”, sendo inteiramente feita para ele e feita por ele – o homem moderno. Ao se opor à antiga estética artística, Aluísio Azevedo afirmou que os escritores naturalistas a

partir dos novos preceitos literários se engajavam na descrição mais simples da vida, como, por exemplo, a vida do aldeão, ligado à lavoura de subsistência, e todo o seu meio circundante.

No dia 10 de junho de 1881, já na primeira página, os editores de *O pensador* expuseram suas considerações em texto endereçado *Ao Governo Imperial*, no qual solicitaram ações enérgicas contra os criminosos eclesiásticos, acusados de provocações constantes à população inteira e aos seus representantes legitimamente constituídos. Afiançavam os editores que “de todas as lutas, é a luta da hipocrisia religiosa a que maiores males e vergonhas tem causado a humanidade.” Em sua crônica, publicada na mesma edição, Aluísio Azevedo prosseguiu a discutir a disputa intelectual à qual chamou de “moderna luta religiosa”:

Continua essa boa província a sofrer o sobressalto de nervos, em que deixou a moderna luta religiosa – os ânimos pululam sobreexcitado e só procuram uma engrenagem da grande roda do livre pensamento para aplicarem a sua atividade. Em cada cidadão, até hoje pacato e indiferente, rebentou um campeão das ideias modernas e em cada coração, que até aqui pulsara apenas para a família, grelou a flor vermelha da liberdade. Consolador especulado nos oferece essa nova geração, que olha desdenhosa para os vapores deletérios das orgias do passado e sorri cheia de coragem para as belas arvoradas que nos convidam ao trabalho e à luta... (AZEVEDO, 10 de junho de 1881, p. 1).

As reflexões continuaram, ao apontar quais seriam as estratégias do clero para minar a disseminação do pensamento esclarecido entre os maranhenses, sobretudo com o alienamento da população para os assuntos políticos e sociais. Aluísio Azevedo acusava o clero maranhense de bestializar a população de forma a impedir qualquer transformação social que colocasse em risco o *status quo* da Igreja Católica e do próprio regime monárquico. O literato criticou a escassa participação popular nas decisões sobre a coletividade e se mostrou favorável à transferência de alguns assuntos para a esfera da família, tais como o casamento, o divórcio e o ensino feminino. Lembramos que, nesse mesmo, ano o autor havia publicado a primeira versão de seu primeiro romance naturalista, *O mulato* (1881), considerado por muitos como a obra inaugural do movimento literário naturalista no Brasil. Nesse romance, encontramos vários temas difundidos pelo movimento, especialmente os preconceitos de cor contra os pretos e mulatos e a tirania e vilania do clero provinciano.

É, porém, a crônica publicada no dia 20 de julho de 1881 que mais nos chama atenção no tocante às concepções e usos de Aluísio Azevedo da ideia de luta pela existência:

São cinco horas da manhã – a natureza ainda está embrulhada em sua coberta de dormir. Porém já o céu empalidecera para as bandas do nascente, vem ali o Senhor Sol, que não é homenzinho para graças. As estrelas, tontas de sono, fazem a trouxa e muscam-se; em quanto uma vizinha do cronista borrija com água da boca um alegre papagaio que abaixa a cabeça e abre voluptuosamente as azas para receber a ducha (AZEVEDO, 20 de julho de 1881, p. 4).

O tom lírico adotado na abertura dessa crônica é sugestivo para a compreensão da noção de natureza tropical representada pelo intelectual naturalista, sobretudo inspirado pelas descrições da natureza americana feita pelos europeus. A crônica prosseguiu narrando a vida urbana em São Luís do

Maranhão, pondo em evidência os agentes sociais que faziam parte do caldeirão étnico-cultural e da tessitura econômica, política e social da *urbe* maranhense e que circulavam na sua principal praça comercial. A ideia de luta pela existência aqui é utilizada para demonstrar a enorme complexidade na rotina da malha social urbana da principal província do Norte, onde é possível entrever a ocorrência da disputa natural:

Com poucas a de amanhecer – começam já a passar as pesadas e ruidosas carroças para a serviço; um moleque enche a rua com a opulência de seu assovio, que entoa os requebros da aráuina, e vai acompanhando a música a bater de dois vinténs contra a garrafa de leite.

Alguns vultos femininos dirigem-se para as bandas de Santo Antônio, embrulhados na tristeza de um véu preto; o homem do pão vai de quitanda a quitanda com o seu saco as costas; ouve-se estalecer na calçada a chinela de sola e vira de alguma mulata, que procura a casa dos senhores. Do Caminho-grande descem os caboclos com a verdura e os bolos da roça, enquanto no largo do Quartel passeia de chapéu na mão, solenemente, um comendador a receber na aridez de sua careca os primeiros beijos do sol.

É a hora em que os corações estão limpos e as consciências arejadas – hora em que o canto sai transparente da garganta e o olhar embebe-se na pureza matinal do céu (AZEVEDO, 20 de julho de 1881, p. 4).

São diversos as personagens que entram em cena nessa parte da narrativa e compõem a luta natural pela sobrevivência, na qual o trabalho ou o domínio sobre a força produtiva do outro garantem a manutenção da vida. Sobressaem das páginas do literato maranhense os pretos, os caboclos, os jornaleiros livres, as mulheres e a figura do comendador. É nesse caldeirão cultural que emergem os usos da noção de luta pela existência na narrativa aluisiana. É a partir desses personagens que se desenrola a luta pela existência e que entra em cena a competição pelos meios necessários para a manutenção da vida. Aqui, um dos significados assumidos pela ideia evolucionista de luta pela existência reflete-se na exemplificação da luta entre as classes sociais, em especial, entre os trabalhadores, os patrões e os dilapidadores das riquezas alheias. A luta expressa na crônica aluisiana não é uma luta meramente econômica, mas sim, uma luta pela garantia de condições básicas de existência:

Estenda o leitor os olhos pela Praia-grande e veja quantos trabalhadores cruzam-se em todas as direções – daqui são caixeiros, dali negociantes, deste lado: homens de coreto; daquele outro: agentes de leilões, empregados de escritório, guarda-livros, despachantes, conferentes, enfim todo esse mundo da atividade, todo esse mundo do esforço.

Esses homens gastam o dia a disputar um pão para si e seus filhos, esses homens chegam a noite em casa devorados pelas fadigas e quebrados pelo suor de um dia inteiro e, quando pedem os jornais para espaiar o espírito, a primeira coisa que lhes salta aos olhos, é uma descompostura da *Civilização!*

E quem escreve a *Civilização?*

São os padres!

E o que são os padres?!

Vejamos:

Em toda a sociedade bem organizada a população se divide em dois grandes grupos – o grupo que trabalha e o grupo que devora.

Um faz e o outro desfruta.

Um ajunta e o outro come.

(AZEVEDO, 20 de julho de 1881, p. 4).

Em tom severo, foi tecida a clara oposição entre o trabalhador e o explorador das riquezas produzidas pelo serviço alheio, ou seja, os agentes religiosos. Na caracterização proposta por Aluísio Azevedo, o clero é antagônico àquilo que o literato mais valorizava enquanto componente da moral moderna: o exercício do trabalho – único elemento capaz de dignificar o homem moderno. Vejamos melhor como o intelectual caracterizou os dois grupos:

Ao grupo que trabalha, que faz e que ajunta, devemos tudo o que possuímos de bom – as casas, as ruas, as ideias, as leis, as festas, os livros bem-intencionados, os quadros, as boas músicas, os dramas e a arte de representar, assim como devemos a cultura das terras, os vinhos, o pão, as modas, as mobílias, as armas, os objetos de luxo. Se temos uma boa cama, se possuímos um bom carro, se gozamos uma boa dispensa, se conhecemos a terra que pisamos, o ar que respiramos, se a nossa roupa é boa, se a nossa saúde é garantida, devemos ao grupo que trabalha. [...]

Com o outro grupo se dá justamente o contrário. Tudo o que há de mau, todos os vícios, todos os males sociais, todos os crimes vêm do grupo que não trabalha, do grupo que não produz. Como o trabalho é o pai de todas as virtudes, a ociosidade é a mãe de todos os vícios. Querer que um homem não trabalhe e produza o bem é querer meter-se em água gelada e sentir calor. O bem vem da atividade. A virtude pode ser qualificada do seguinte modo – o perfume do trabalho.

Segue-se, por conseguinte que a maldade está na razão direta da ociosidade. E qual é o homem mais ocioso que há entre nós?! A resposta salta aos lábios – o padre! Sim! O padre, esse que nada produz, esse que não faz o pão, como não faz o boneco, como não faz um livro que aproveite. Daí a luta, a guerra odiosa e encarniçada que fazem os padres de Santo Antônio ao grupo mais trabalhador desta província – o Comércio (AZEVEDO, 20 de julho de 1881, p. 4).

Aluísio Azevedo buscou realizar uma distinção entre os trabalhadores e os ociosos. Opera-se a diferenciação entre aqueles que produzem – trabalhadores braçais, artesãos, artistas, comerciantes – e aqueles que usurpam – padres. Os clérigos foram, pois, incluídos na malta de ociosos, da qual faziam parte também os “vagabundos” – esses últimos eram temidos, tanto pelo regime imperial quanto pelo emergente liberalismo de tipo republicano, como prejudiciais ao desenvolvimento material e moral da nação. Aluísio Azevedo empenhou-se em condenar o que chamou de “guerra odiosa e encarniçada” dos padres contra os comerciantes de sua província natal. Nesse momento, diferente do que encontraremos na maior parte de seus escritos, nos quais o autor se opõe de forma constante aos comerciantes, sobretudo, portugueses, Aluísio Azevedo saiu em defesa dos mercadores, alegando que as perseguições eram fruto da inveja que os padres tinham de suas riquezas acumuladas. Ao caracterizar os eclesiásticos como usurpadores do trabalho alheio, ociosos e avessos ao progresso material e espiritual do homem moderno, plasmou, assim, uma concepção compartilhada por diversos outros intelectuais, que também viam nos religiosos o símbolo do atraso que as antigas instituições representavam.

Resgatar as primeiras produções literárias de Aluísio Azevedo é interessante, na medida em que elas nos fornecem alguns indícios acerca dos objetivos e das visões de mundo do jovem intelectual. Sua inserção na imprensa havia se dado entre 1878, quando esteve pela primeira vez na Corte Imperial e publicou uma série de caricaturas satíricas. Vejamos, agora, algumas de suas representações da ideia

evolucionista de luta pela existência em um de seus romances, considerado pela crítica como maior obra prima do gênero naturalista produzido no Brasil (CANDIDO, 1991; MÉRIAN, 1988).

A LUTA PELA EXISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DAS PERSONAGENS DE *O CORTIÇO*

O que pretendemos abordar neste momento são os usos e os significados que a ideia evolucionista de luta pela existência assumiu no interior de *O cortiço* (1890), podendo mesmo ser considerada como o eixo central do romance, que tem como foco as disputas travadas entre os indivíduos, as classes, os gêneros, as “raças”, ou mesmo as nacionalidades, em oposição. Para melhor exprimir nossa concepção com relação ao fio que amarra a obra do início ao fim, vejamos as trajetórias de algumas das personagens do romance, especialmente João Romão e Bertoleza.

De acordo com Alfredo Bosi (1994), o romance acomoda, em seu interior, as principais ideias filosóficas e científicas de seu tempo: a redução das personagens ao nível dos animais (zoomorfização); os determinismos raciais, mesológicos e temporais (Taine); e, a influência das teorias biológicas provenientes de Charles Darwin e Lamarck. Nessa mesma perspectiva, Cibele Agibert (2010) propôs uma investigação que buscou esquadrihar as influências das ciências oitocentista no interior do romance, enfatizando as principais correntes filosóficas que permeiam a obra, especificamente aquelas ligadas ao determinismo biológico e mesológico. A autora, entretanto, mesmo concordando que o romance é uma tentativa de representação de seu tempo e alegoria para o Brasil, concluiu que o romance retrata, especialmente, a vida dos marginalizados cariocas, sobretudo os trabalhadores e desempregados que viviam abaixo da linha da pobreza e que tinha os cortiços como único caminho de sobrevivência. Agibert chamou atenção, ainda, para a ênfase dada por Aluísio Azevedo à questão racial – o embate entre os negros com os demais personagens, sobretudo imigrantes europeus.

Em sua biografia dedicada a historiar a vida de D. Pedro II, Lilia Moritz Schwarcz (1998) oferece um panorama da sociedade carioca, no qual privilegia, sobremaneira, os diversos conflitos ocorridos durante os últimos anos do reinado do monarca bragantino. Comentando o papel desempenhado pela corte na manutenção da antiga ordem senhorial, a historiadora afirma:

Contudo, não era apenas a escravidão que ofuscava os projetos civilizatórios do Império; não se pode esquecer o caráter isolado da corte e dos poucos centros urbanos. Com efeito, o peso da população rural era enorme quando comparado ao da urbana. A população das capitais do Império representava 8,49% da população total em 1823, 10,41% em 1872 e 9,54% em 1890. Para completar o quadro, mais ou menos 50% dessa população concentrava-se em apenas três capitais: Rio de Janeiro, Salvador e Recife – 59% em 1832, 48% em 1872 e 58% em 1890. Percebe-se, portanto, ao mesmo tempo, a importância da corte como centro irradiador, mas também seu caráter de exceção. A moda era para poucos. A escravidão era e seria, até o final do reinado de d. Pedro II, a grande contradição de seu Império, que pretendia, quase, europeu (SCHWARCZ, 1998, p. 117).

A cidade do Rio de Janeiro era o centro irradiador do poder imperial, ao mesmo tempo em que se tornava o epicentro do processo de dissolução do regime monárquico, desde 1888, com o processo

de abolição do trabalho escravo que culminou na implantação da República, no ano de 1889, com a associação entre os interesses da elite agrária e das forças militares.

O livro *O cortiço* começa narrando a trajetória de vida de João Romão, com o personagem já residindo no Rio de Janeiro, sem mais informações precisas com relação ao seu lugar de origem e sobre seus familiares. Era um português que havia se empregado como caixeiro dos 13 aos 25 anos de idade e que, com o retorno de seu ex-empregador para Portugal, recebeu dele a taverna na qual trabalhava com tudo que havia nela e mais um conto e quinhentos como pagamento de seus ordenados vencidos.

A trajetória de vida desse personagem encontra-se atravessada, do início ao fim, à de outra personagem, Bertoleza. O projeto de enriquecimento levou João Romão a resignar-se às mais duras privações. O seu regime alimentar e seus hábitos de descanso são bons exemplos das acomodações feitas pelo português para se ajustar ao meio e levar a cabo o seu plano de prosperar no Novo Mundo. Após “amigarem-se”, o português comprou alguns palmos de terra, com o pecúlio de Bertoleza. Ali construiu uma casinha de dois cômodos e passaram a dividir a mesma cama – que foi trazida no meio da mobília da escrava. Buscando apropriar-se cada vez mais das riquezas produzidas pela mulher, João Romão forjou uma carta de alforria, na qual proclamava a falsa liberdade da infeliz. Informou ao proprietário da escrava que esta havia fugido após a perda do seu companheiro, morto de exaustão ao trabalho.

Em pouco tempo João Romão teve o seu pecúlio aumentado, sobretudo pelo auxílio que recebeu do trabalho lícito (comércio) e ilícito (trapaças comerciais e pequenos furtos) que empreendeu na companhia de Bertoleza. Com o dinheiro que entrava em seu caixa, comprou algumas braças de terra, onde começou a construir diversas casinhas para locação; em seguida, tornou-se sócio em uma das pedreiras situada nas imediações de sua venda e tudo o mais que economizava, resignando-se a duras privações, ia parar direto no banco.

A luta pela existência de João Romão é, claramente, uma luta pela ascensão social. Desde as primeiras linhas da trama, os anseios do português resumem-se a aumentar a própria riqueza, utilizando-se para isso de todos os meios necessários, os mais sórdidos, diga-se de passagem. Sua trajetória se entrelaçou com a maior parte dos personagens e podemos mesmo afirmar que é a partir de sua história que se tece o fio principal do romance, a saber, a luta pela existência na sociedade carioca. O papel desempenhado por esse personagem é fundamental para o desenvolvimento da trama, porém, nem ele, nem qualquer outro personagem, assume o protagonismo da obra. O caso de João Romão é emblemático para entendermos os padrões sociais e econômicos da sociedade carioca de fins do século XIX, sobretudo, em fins de dissolução do regime imperial.

A obra começa e termina mostrando a relação entre Bertoleza e João Romão. Ao cabo da obra, João Romão, além de conseguir se afastar de Bertoleza e negociar seu casamento com Zulmirinha, ainda vislumbrava o título de visconde a partir de sua relação de parentesco com o Barão Miranda. Ao final, João Romão recebe o diploma de sócio benemérito da sociedade de abolicionistas, outra ácida crítica do intelectual maranhense aos abolicionistas de última hora, que haviam constituído toda a sua fortuna às custas do trabalho escravo.

O desenlace de Bertoleza, porém, seguiu um caminho drástico e bem diferente daquele que teve o seu amado. É assustador o desfecho da trajetória da personagem. Seus últimos dias foram de convívio tenso com o homem com o qual havia compartilhado parte da vida e que havia ajudado a prosperar. Da cama conjugal, passaram a viver em quartos separados. Bertoleza perdeu sua tranquilidade e passou a se precaver cada vez mais contra João Romão. A crioula não dormia sem, antes, conferir se a porta de seu quarto estava devidamente trancada e debaixo do travesseiro tinha sempre uma faca para se defender. Não comia e nem bebia mais nada que João Romão lhe oferecia e estava o tempo todo alerta, pronta para se esquivar, escapar e evadir.

A luta de Bertoleza é, certamente, a luta de um indivíduo com um grupo. Sua luta pela existência é marcada também pela luta por liberdade. Sua resignação ao trabalho braçal, ao pagamento devido de sua fiança, sua esperança na alforria, sua crença na devida liberdade, tudo está entrelaçado com as diversas estratégias de sobrevivência empreendidas pela preta para conquistar os meios necessários para a manutenção de sua vida e liberdade. A personagem não desenvolveu durante toda a sua vida uma rede de proteção para os limites da sua vida conjugal com João Romão e percebeu, enfim, que estava sozinha. Como única saída da reescravização, optou pelo suicídio. Nota-se que ao longo de toda a trama os seus carrascos são homens: João Romão, Botelho, seu antigo proprietário, o novo dono e os policiais. Sua luta é de existência em uma sociedade escravista onde o suicídio, infanticídio e sublevação tornaram-se estratégias de enfrentamento. Na luta pela ascensão social, João Romão a julgou inapta aos padrões aceitáveis e a sentenciou ao cativoiro, e, em sua luta pela liberdade, Bertoleza descobriu que havia perdido, encontrando na morte a única saída possível.

A hierarquização racial é evidente na contraposição estabelecida pelo autor entre Bertoleza e Rita Baiana. Outras personagens, como Florinda, tinham as mesmas características de Rita Baiana: bonita e desejada pelos homens. A mulher mulata representa o prazer na trama. Nota-se que, tanto Rita Baiana como Florinda, possuem boa mobilidade e sobrevivem bem naquela sociedade, apesar de todas as adversidades. Já a preta Bertoleza, mesmo vivendo do seu trabalho e pagando jornal ao seu senhor, é mostrada como uma mulher que não serve à miscigenação. Ela não é desejada, torna-se “coisa” e, ao final, desaparece. As mestiças velhas, representadas pelas personagens Paula e Marciana, são guardiãs de culturas ancestrais, figuras ligadas à terra. No decorrer do romance, elas enlouquecem e morrem, dando lugar ao novo. Elas contrastam com a modernidade. As mortes das três mulheres aludem à morte desse mundo e desses costumes que não se ajustam ao progresso e que deveriam se extinguir. Porém, personagens como Alexandre mostram o caminho possível aos mulatos, ao se colocar ao lado da ordem e ao aderir ao processo de branqueamento. Ele é premiado com a ascensão social, mas teve que renunciar à cultura africana de seus antepassados. Ele é casado com uma mulher branca e o atributo dele no romance é apenas gerar filhos. Esses filhos seriam já de pele mais clara, se tornariam brancos e, assim, a forma branca iria prevalecendo segundo as concepções da teoria do embranquecimento. A representação dos mulatos seguiu o mesmo rebaixamento na hierarquia social que os pretos. Os personagens no romance demonstraram o lugar que deveria ser ocupado pelos mulatos na sociedade. Nenhum deles

ascendeu de forma expressiva socialmente no universo econômico, porém não desaparecem como os negros (Bertoleza, Marciana e Paula); também não saem do lugar ou, quando se deslocam, não alçam grandes voos.

Acreditamos que Aluísio Azevedo construiu um quadro realmente complexo da sociedade urbana carioca. A partir do que foi demonstrado, poderíamos concluir que o autor usou a ideia de luta pela existência para mostrar uma sociedade na qual o caminho do branco é ascender, o do preto é desaparecer e o do mulato é multiplicar-se. Mas é aí que vem a riqueza sociológica do trabalho do escritor maranhense. Nas lutas entre Jerônimo e Firmo pela posse de Rita Baiana, e entre Piedade e Rita Baiana pela posse de Jerônimo, o português e a mulata levarão a melhor. A infelicidade amorosa de Firmo é a mesma de Piedade, infelicidade provocada pela perda de seus respectivos companheiros, porém os desfechos desses dois últimos personagens são dessemelhantes. O primeiro é assassinado e a segunda é abandonada pelo seu amado. A partir dessas disputas surge a guerra entre cortiços opositores, entre brancos e pretos e entre brasileiros e estrangeiros, teatralizada nos diversos conflitos corpo a corpo.

De forma geral, em *O cortiço* podemos encontrar indícios preciosos acerca da vida social e cultural carioca de fins do século XIX. A trajetória de João Romão serve de alegoria para a decadência da nobreza, simbolizada pela trajetória de um ex-comerciante que enriquece às custas do roubo e da exploração e ascende socialmente a partir de um casamento arranjado com uma representante da nobreza cortesã. Os personagens pretos, de forma geral, estão fadados ao desaparecimento, dadas as suas fraquezas na luta pela sobrevivência. Esse é o caminho inexorável de todos os pretos da obra, enquanto os mulatos mostravam possuir maiores aptidões (GALVÃO, 2015). Há também uma ferrenha luta entre nacionalidades, gêneros e grupos sociais diversos.

A luta pela existência estava presente na narrativa aluisiana de diversas formas e expressou-se a partir da trajetória dos seus personagens principais. Uma das maiores qualidades dessa obra é, certamente, a diversidade de personagens envolvidos, ligados a partir do cortiço, alegoria da sociedade carioca. Aluísio Azevedo representou a complexidade da sociedade urbana carioca, em especial a vida dos moradores dos cortiços e os usos da ideia de luta pela existência com a qual buscou significar a complexidade e a precariedade da vida dos marginalizados, em uma sociedade multifacetada, que assistia a enormes transformações sociais, como é o caso da cidade do Rio de Janeiro de fins do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que esperamos ter evidenciado com o que foi apresentado neste trabalho é o hibridismo evolucionista de Aluísio Azevedo, a partir dos usos da ideia de luta pela existência em torno do debate nacional sobre tradição, modernidade, civilização e progresso. Os usos que o intelectual maranhense fez da ideia de luta pela existência em crônicas literárias publicadas, entre os anos de 1880 e 1881, no jornal *O pensador* e no romance *O cortiço* (1890), confirmam ser ele um dos recepcionistas das ideias evolutivas, sobretudo do evolucionismo spenceriano. Esperamos ter demonstrado, também, como a utilização da

ideia evolucionista subsidiou Aluísio Azevedo no seu entendimento da luta entre o velho e o novo – tradição *versus* modernidade, religioso *versus* laico, fé *versus* ciência.

Nas crônicas aluisianas de 1880 e 1881, a ideia de luta pela existência apareceu explicitada na caracterização da vida urbana de São Luís do Maranhão. O literato utilizou-se da noção para se opor moralmente ao clero e à exploração que os seus membros faziam dos trabalhadores. Aluísio Azevedo elencou o trabalho como o principal mecanismo utilizado pelo homem moderno para a garantia de sua sobrevivência. Dessa forma, apontou a ociosidade do clero maranhense como o principal entrave para o progresso moral, material e cultural de sua província natal, sobretudo pelos seus constantes ataques ao saber esclarecido e pela exploração das mentes e das riquezas de seus seguidores, em especial das mulheres. Já em *O cortiço* (1890), percebemos que Aluísio Azevedo utilizou-se, em diversos momentos, da ideia evolucionista de luta pela existência tanto na trajetória dos seus personagens principais (João Romão, Bertoleza, Miranda, Estela, Rita Baiana, Firmo, Jerônimo), quanto em seus personagens secundários (Pombinha, Isabel, Agostinho etc.). Concluímos, assim, que o eixo temático da presente obra são as diversas estratégias de sobrevivência e ascensão das personagens. O cortiço, enquanto um local de miséria, era a arena propícia para a disputa entre indivíduos e grupos em defesa da vida, da ampliação de poder e obtenção de recursos. O escritor maranhense fez diversos usos da noção evolucionista de luta pela existência e suas diversas ocorrências mostram parte das discussões feitas pelos intelectuais brasileiros na recepção das novas ideias. No interior de sua obra, esse conceito serviu para caracterizar as disputas entre os indivíduos, gêneros, nacionalidades, raças e grupos sociais antagônicos.

REFERÊNCIAS

AGIBERT, C. *O cortiço de Aluísio Azevedo (1890): relações entre ciência e literatura*. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

AZEVEDO, A. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Garnier, 1890.

AZEVEDO, A. *Chronicas. O pensador*, São Luís do Maranhão, Ano I, 30 out. 1880.

AZEVEDO, A. *Chronicas. O pensador*, São Luís do Maranhão, Ano I, 10 jun. 1881.

AZEVEDO, A. *Chronicas. O pensador*, São Luís do Maranhão, Ano II 20 jul. 1881.

BARROS, H. L. de. Prefácio. In: DOMINGUES, H.; SÁ, M.; GLICK, T (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

BOSI, A. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, A. *A passagem dos dois aos três* (contribuição para o estudo das mediações na análise literária). São Paulo: Ed. da USP, 1991.

CHARTIER, R. (org.) *Práticas de leitura*. Trad. de Cristiane Nascimento. São Paulo: Liberdade, 1996.

GALVÃO, A. *A representação do negro no romance O cortiço*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

HOBBSAWM, E. *A era do capital (1848-1875)*. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

MATTOS, R. S. *Relações de gênero intermediando a ascensão social do português no Brasil a partir de O cortiço (1890)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.

MENEZES, R. de. *Aluísio Azevedo: uma vida de romances*. Rio de Janeiro: Martins, 1958.

MÉRIAN, J.-Y. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Banco Sudameris-Brasil; Brasília: INL, 1988.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, L. M. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, R. *Transformações urbanas e psicopatologia na ficção naturalista de Aluísio Azevedo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

SEREZA, H. C. *O Brasil na Internacional Naturalista: adequação da estética, do método e da temática naturalista no romance brasileiro do século 19*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUZA, R. de J. Os usos da ideia de luta pela existência na produção intelectual do século XIX. *Em tempos de história*, Brasília, v. 1, n. 34, p. 64-88, 2019.

Data de submissão: 27/07/2019

Data de aprovação: 21/06/2020